



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A DANÇA COMO RECONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS E SUAS POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Isis Conrado Haun*
(UESB)

Cláudio Eduardo Félix dos Santos**
(UESB)

RESUMO

Esta pesquisa que se encontra em andamento e é fruto dos estudos de dissertação de mestrado que será apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista – BA. O presente artigo busca compreender a dança como manifestação artística que possibilita a reconstrução de memórias. Como problema de pesquisa perguntamos: a dança como uma forma gestual artística da memória social oportuniza que possibilidades para o desenvolvimento de práticas educativas ao enfrentamento da alienação e ao esvaziamento da formação humana na educação escolar contemporânea? Para desenvolver essa problemática inicialmente discutiremos o corpo como construção social historicamente contextualizada numa determinada cultura e partiremos para a análise desse corpo que se expressa e se comunica através de práticas corporais onde situamos a dança. Posteriormente abordaremos a dança como expressão artística carregada de sentidos e significados que estão impregnados de memórias correlacionadas com a cultura que a deu origem. E por fim, trataremos da dança que se manifesta na escola e as possibilidades de superação de uma educação escolar esvaziada de conhecimentos através da pedagogia histórico-crítica.

PALAVRAS-CHAVE: dança, reconstrução, memória, significado.

INTRODUÇÃO

Durante todos os anos dedicados ao ensino da Educação Física na educação escolar básica, pode-se constatar a omissão da dança em diversos aspectos, enquanto



conteúdo, conhecimento artístico ou manifestação cultural. Seja na negação do ensino desse conhecimento nas disciplinas de Educação Física e Artes, seja na falta de contextualização da dança reduzindo-a a uma mera prática e sequência de passinhos coreografados. Além do mais, os momentos escolares que possibilitam a vivência da dança são momentos de festividades ou projetos, onde na maioria das vezes a dança é o cotidiano imediato do aluno sem contextualização ou reflexão dessa prática corporal.

Reconhecendo a dança como uma manifestação de profundo conteúdo artístico que precisa ser apropriado pelos indivíduos e como uma manifestação cultural que traz em si a memória social dos mais diversos povos e civilizações que existiram ao longo de toda a existência da humanidade é que apontamos a relevância de problematizar a dança e suas possibilidades para a formação humana e para o desenvolvimento de práticas contra-hegemônicas relacionadas às teorias educacionais que visam à emancipação humana.

Nesse sentido, como problema de pesquisa, perguntamos: a dança como uma forma gestual artística da memória social oportuniza que possibilidades para o desenvolvimento de práticas educativas ao enfrentamento da alienação e ao esvaziamento da formação humana na educação escolar contemporânea?

Para dar conta dessa problemática, inicialmente discutiremos o corpo como construção social historicamente contextualizada numa determinada cultura e partiremos para a análise desse corpo que se expressa e se comunica através de práticas corporais onde situamos a dança. Posteriormente abordaremos a dança como expressão artística carregada de sentidos e significados que estão impregnadas de memórias correlacionadas com a cultura que a deu origem. E por fim, trataremos da dança que se manifesta na escola e as possibilidades de superação de uma educação escolar esvaziada de conhecimentos através da pedagogia histórico-crítica.



A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CORPO E A DANÇA

A história da dança em muitos aspectos se relaciona com o contexto histórico do corpo. O corpo entendido aqui como construção social, como o suporte de experiências humanas, trazidas a reflexão como materialidade da vida.

Podemos assim afirmar que para compreender as experiências corporais devemos olhar para a cultura e toda a trajetória histórica social e política dos grupos sociais. Nessa perspectiva, Almeida e Magalhães (2011, p. 2) destaca que “cultura são as práticas sociais transmitidas coletivamente a partir de memórias coletivas, de grupos que são socialmente abstraídas e mantidas ao longo do tempo, mesmo em suas modificações”.

A relação do ser humano com o corpo, construída nas relações com o meio ambiente e os demais seres, foi determinando as possibilidades de organização espaço-temporal, social, cultural e política. Todos os seres humanos necessitam comer, beber, se abrigar, ter um espaço, acessar a cultura para viver. Somos capazes de nos relacionarmos com a natureza e nossos semelhantes e de desenvolver força produtiva. Além disso, somos também capazes de transformar o que construiu o trabalho, em atividades lúdicas e prazerosas, como as danças, os jogos, a ginástica, os esportes (MARX *apud* TAFFAREL, 2008).

Nesse contexto, situamos o que denominamos de cultura corporal como uma construção social e entendida como o conjunto de práticas corporais construídas historicamente por homens e mulheres, em tempos e espaços determinados historicamente, sistematizadas ou não, que são passadas de geração a geração (SOARES *et al.*, 1992). Assim, o homem vem constituindo e adquirindo essa cultura ao longo de sua vida, por suas necessidades, para sua sobrevivência, defesa e para as relações sociais.

Cabe destacar que a cultura corporal foi se materializando como respostas a determinadas necessidades humanas em suas diversas possibilidades de manifestações



é um conhecimento imprescindível para a formação humana e para o desenvolvimento do ser social.

Por isso que a história do corpo em muitos aspectos se relaciona com o contexto histórico da dança. O corpo é o instrumento básico para a análise e reflexão e se torna a matriz geradora da dança e esta por ser a representação da comunicação e expressão dos signos do movimento nos traz uma dimensão magnífica da arte e da cultura.

De acordo com Nepomuceno (2010) o corpo humano talvez seja o local em que a vida se manifesta de maneira mais sublime, visto que é marcado por peculiaridades como, por exemplo, a capacidade de realizar trabalho, pensar e exteriorizar seus pensamentos por meio de linguagens, gestos e emoções, influenciando dessa forma sua maneira de agir na sociedade.

A dança é um fenômeno estético cultural e simbólico que expressa e constrói sentidos através dos movimentos corporais. Como expressão de um grupo social ou uma determinada cultura, é também um fenômeno de comunicação que reflete de um modo particular a sociedade em que ocorre e está inserida em uma rede de relações sociais complexas interligadas por diversos âmbitos da vida. Dessa forma se analisarmos a dança como reflexo da organização de uma dada sociedade, ou parte dela, percebemos como essa mesma sociedade estrutura-se e como seus valores, hierarquias e posições sociais(SIQUEIRA, 2006).

Cada sociedade, de acordo com Daolio (1995), escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo um conjunto de significados. No corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica. Observando-se, por exemplo, um festival de danças folclóricas, o autor afirma que é possível identificar papéis sociais e diferenças entre sociedades por meio dos movimentos corporais ritmados, a formação dos grupos nos espaços, a postura dos dançarinos.

Podemos apontar também em outro exemplo, que um determinado movimento de dança pode assumir diferentes significados, dependendo da sociedade onde essa dança se originou ou a cultura que dá suporte a sua existência. O giro independente do estilo de dança se é balé, Flamenco, danças árabes ou outro estilo, é o ato de rotacionar o



corpo no seu próprio eixo,mas assume significados a partir do momento em que se inscreve num contexto histórico de uma determinada cultura.

Assim, além de expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem da sociedade e da cultura, a dança é arte, portanto, simbólica, e porta significados que transcendem o valor estético do espetáculo. Movimentos construídos coreograficamente e repetidos em cena contam histórias, revelam problemas ancestrais ou contemporâneos. Pode ser considerada como linguagem social que envolve valores e preconceitos, refletem o contexto histórico, econômico, cultural e educativo, além de permitir a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra etc..

A DANÇA COMO ELEMENTO ARTÍSTICO DE RECONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS

O corpo é uma espécie de texto vivo onde se inscreve a memória. A dança é a expressão artística que se externa através do gesto e os gestos estão impregnados de memória, vem carregada de sentidos e significados que se correlacionam com a cultura que a deu origem. Assim, as memórias são reconstruídas à medida que os gestos representativos de uma cultura são executados e contextualizados a partir dos seus determinantes sociais e culturais.

A dança é uma arte efêmera, isto é, no mesmo momento em que ela realiza, ela se desfaz, só ficando presente na memória de quem teve a oportunidade de presencia-la. A dança é diferente das artes visuais tradicionais que, uma vez feitas, ficam imortalizadas e preservadas nos museus. Por essa razão, é importante que se investigue e registre a dança em seu contexto (VALLE *apud* TRINDADE 2008).

De acordo com Trindade (2008, p. 19) “o movimento, assim que é feito, perde-se, evapora-se no ar, enquanto uma pauta musical com 200 anos pode ser relida e interpretada com precisão e fidelidade à obra original”.A autora complementa ainda refletindo que desde que a dança é executada como uma arte, a sua sobrevivência depende do que está sendo preservado, através da tradição ou do que está sendo escrito



em algum formulário. Quando a tradição é contínua e ininterrupta a dança será preservada. Mas quando uma tradição é quebrada, como por exemplo as tradições culturais de grupos étnicos que se misturam, as danças que seguem podem não apenas mudar radicalmente, mas também desaparecer.

Mesmo assim, apesar de momentânea, a dança, após sua execução deixa traços na memória, como sentimento, como experimentação ou como imagem. Por isso a dança é uma linguagem artística que exige registro e disseminação.

Nesse sentido, Trindade (2008) sinaliza que memória auxiliará o homem contemporâneo a reconhecer fatos do passado, recuperando situações pessoais vividas ou históricas que através do imaginário, viabilizará uma possível verbalização e ate quem sabe, uma representação cênica.

Memória é a capacidade humana para reter e guardar o tempo o que se foi, salvando-o da perda total. A memória não é um simples lembrar ou recordar, é a evocação do passado e nos revela a relação com o tempo e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é o passado. A memória é o que confere sentido ao passado considerada essencial para a elaboração da experiência e do conhecimento científico, filosófico e técnico (CHAUÍ, 2004).

A autora supracitada destaca a necessidade de mencionar a dimensão coletiva ou social da memória, isto é, a memória objetiva gravada nos monumentos, documentos e relatos da História de uma sociedade.

Mas quando relacionamos a memória com a dança, nos esbarramos em uma grande questão. Estamos falando da legitimidade de um saber e uma memória que não se encontram elaborados cientificamente ou ao nível do discurso, sacramentado na escrita, sobre isso MacLuhan citado por Siqueira (2006, p.03) afirma que “imagens gestos, movimentos foram menos privilegiados do que a escrita como forma de transmissão de conhecimento”.

A tradição da transmissão dos conhecimentos da dança sempre foi e ainda é muito prática e encontra seu principal foco no fazer, talvez porque os gestos e os



movimentos corporais são menos privilegiados do que a escrita como forma de transmissão do conhecimento.

Nesse sentido Caon (2012) destaca que é um grande desafio fixar em palavras conhecimentos culturais que não se encontram necessariamente elaborados cientificamente ou ao nível do discurso, legitimar saberes e memórias que não foram sacramentadas através da escrita, mas que se encontram subjacentes aos usos cotidianos dos corpos, aos gestos e movimentos que geram uma linguagem e atribuem sentido ao corpo.

Assim, está posto um grande desafio no que se refere à preservação da memória da dança, o que nos indica um caminho onde registro, pesquisas e produção do conhecimento são necessárias para a perpetuação da dança como conhecimento artístico fundamental na formação dos indivíduos.

E nos parece que os estudos sobre a memória acabam desempenhando um papel fundamental quando discute como as memórias são selecionadas e condicionadas naquilo que deve ser recuperado, valorizado, conservado – efetivamente ou não. Recuperar conhecimentos clássicos da humanidade para serem transmitidos às novas gerações é a base do que defendemos para a educação e é o que pretendemos discutir a seguir. Por isso a necessidade de construir o trabalho educativo pautado numa teoria pedagógica que privilegia a transmissão dos conhecimentos imprescindíveis para o desenvolvimento do indivíduo e para a formação humana livre da alienação.

A DANÇA NA ESCOLA E SUAS POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO HUMANA

No desenvolvimento do ser social, o homem produz sua existência e simultaneamente a cultura, transmitindo assim, as experiências e aquisições humanas às próximas gerações. O progresso da história é, portanto, impossível sem a transmissão ativa das aquisições da cultura humana às gerações mais novas. Nesse intuito Trindade (2008, p.24) afirma que “é obrigação e responsabilidade de cada geração, à sua maneira, contribuir de alguma forma para o acréscimo do conhecimento humano”.



Almeida e Magalhães (2011) salienta que Como qualquer outra instituição, a educação está inserida num cenário, em que compreender o passado a fim de construir no presente um futuro melhor continua na pauta do dia, seja delegando esquecimento às memórias coletivas e sociais, seja na luta para não perdê-las.

Nesse sentido, a escola tem como função social básica a transmissão/mediação do conhecimento produzido historicamente pela humanidade. Mas, além disso, a escola pode não se reduzir a um mero veículo de transmissão de cultura produzido por outros sistemas e se torna uma instituição que possui a capacidade de produção de uma cultura escolar, ou seja, ter autonomia para produzir a sua cultura a partir de seus próprios códigos e critérios e assim poder estabelecer relações com o conjunto das culturas em conflito numa dada sociedade. É nesse entendimento que a escola pode relacionar-se com a arte e com a dança ressignificando o seu caráter.

A dança vem sido negada na escola por muito tempo, porém, hoje existe um esforço para contemplar esse conhecimento no currículo escolar e em 1997, com os Parâmetros Curriculares Nacionais –PCNs, e em amplas discussões que aconteceram em alguns congressos e fóruns esse cenário vem mudando, mas é importante qualificar o debate para se discutir qual dança deve ser ensinada e com que perspectiva(MARQUES, 2007).

Apesar de toda a riqueza de conhecimentos que a dança tem a oferecer, quando enveredamos por um caminho de possibilidades educacionais desse conteúdo na educação escolar nos deparamos com uma grande negação e um grande bloqueio em contemplar esse conteúdo nas escolas.

O indivíduo ao entrar na escola vem de sua prática social consumindo as danças advindas de uma indústria cultural onde não é dada a oportunidade de pensar e criar. Dessa forma, Nepomuceno (2010) observa que estas danças vêm sendo utilizadas de maneira bastante descontextualizada por muitos indivíduos o que acarreta num profundo esvaziamento da criatividade das pessoas ao pensar e praticar a dança.

Hoje, mais do que nunca, o ato criativo é imprescindível para a humanidade, pois em meio a tanta padronização é somente buscando pelo inédito que o indivíduo se



tornará singular. Pode-se dizer que é nos momentos de criação que se enxerga o que há de genuinamente humano nas pessoas (TAFFAREL *apud* NEPOMUCENO, 2010).

Nepomuceno (2010) ainda destaca que na atualidade, com os constantes bombardeios de informações expostos pela indústria cultural, transformações vêm ocorrendo na arte da dança. Hoje ela também vem sendo tratada como mais uma mercadoria. É possível observar que frequentemente é produzido e transmitido pelas grandes mídias um modelo de dança que banaliza os corpos com seus movimentos estereotipados e com fortes apelos sexuais. Os modelos de dança que são constantemente mostrados pelas mídias invadem de maneira acrítica o corpo/movimentos de um número bastante significativo de indivíduos.

Toda essa padronização que a indústria cultural tanto incentiva atrofia a capacidade reflexiva do indivíduo invade a escola ditando a sua organização curricular. Nessa perspectiva percebe-se o esvaziamento na socialização dos conhecimentos em suas formas mais desenvolvidas e conseqüentemente o empobrecimento da Educação.

Os indivíduos que tem acesso à educação escolar têm direito a ter acesso aos tesouros produzidos pela humanidade. O mundo cultural que o conjunto de homens e mulheres produziu coletivamente tem que ser usufruído e compartilhado por todos. A socialização desse saber acumulado deve ser o princípio norteador de qualquer escola.

Dessa forma, partimos na defesa de uma urgente transformação como o que acontece nas unidades escolares. Precisamos de uma escola rica em conhecimentos e teorias pedagógicas que deem conta de explicar a realidade a partir das contradições do capitalismo, que permitam apreender as relações sociais realmente existentes e os complexos sociais fundamentais articulados ao processo de produção da existência humana.

Por isso, Saviani (2011) afirma que a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado. Vale salientar que não é qualquer tipo de saber, esse saber diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo, ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular.



Mas não basta a existência do saber sistematizado para existir a escola. É necessário ser uma escola que assuma as tarefas que fortaleçam um projeto de educação para a classe trabalhadora, que tenha clareza do projeto político dessa classe que luta por justiça social e pela dignidade humana.

Nesse sentido, o trabalho pedagógico deve estar alicerçado em uma pedagogia materialista, que tente superar o modo de produção capitalista. Assim, a pedagogia que responde aos anseios da classe trabalhadora e se compromete como projeto de emancipação humana é a pedagogia histórico-crítica, que está comprometida com um projeto educativo fundado em uma visão de ser humano e de sua relação com o trabalho determinada pelo materialismo histórico- dialético (MARSÍGLIA, 2011).

Na pedagogia histórico-crítica, a educação escolar é valorizada, tendo o papel de garantir os conteúdos que permitam aos alunos compreender e participar da sociedade de forma crítica, tendo o diálogo entre professores e alunos, o respeito ao desenvolvimento psicológico dos educandos e superando a visão de senso comum, incorporando a experiência inicial do indivíduo ao universo cultural acumulado historicamente pela humanidade (MARSÍGLIA, 2011).

Podemos afirmar que a pedagogia histórico-crítica ao longo de seus mais de 30 anos de existência é a teoria pedagógica que mais tem avançado rumo à superação da alienação na educação escolar. Educar é fundamentalmente formar para transformar a sociedade e esta teoria valoriza a transmissão do saber no processo de formação humana e entende que o trabalho educativo é,

[...] o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir este objetivo (SAVIANI, 2011, p. 13).



Dentre os conhecimentos a serem transmitidos situamos a sistematização dos conteúdos artísticos, científicos e filosóficos na sua forma mais elaborada, propondo a partir da realidade do aluno (prática social inicial) instrumentalizá-lo para que ele saia do processo de ensino aprendido ultrapassando o plano da imediatez do cotidiano para as esferas não-cotidianas da prática social, por meio do desenvolvimento de necessidades cada vez mais elevadas.

Então, de acordo com Saviani (2011) pela mediação da escola, acontece a passagem do saber espontâneo ao saber sistematizado, da cultura popular à cultura erudita. Além disso, é a ação escolar também que permite acrescentar novas determinações que enriquecem as anteriores e estas, portanto, de forma alguma são excluídas.

Como resultado do trabalho educativo espera-se que os novos conhecimentos adquiridos se tornem um instrumento na formação do indivíduo e possibilite um retorno a sua realidade com uma nova percepção sobre a prática, pois o mesmo adquiriu uma nova percepção da sua realidade.

CONCLUSÕES

É necessário superar a educação escolar em suas formas burguesas sem perder a dimensão da função social da escola e da importância da transmissão dos conhecimentos mais desenvolvidos produzidos pela humanidade às novas gerações. É fundamental estimular a percepção para saberes que ainda são postos à margem do ambiente escolar, saberes estes dotados de significados que devem ser usufruídos pelo coletivo de seres humanos, como por exemplo a dança.

Para elevar o padrão cultural do aluno, a escola tem que ensinar o que o aluno não aprende fora dela. A escola ainda é para muitos a única chance de ter acesso às formas mais elevadas de conhecimento disponíveis no mundo e é o único lugar possível na sociedade para ter contato com as diversas esferas da produção humana, seja no campo da ciência, da filosofia, ou da arte.



Se ficarmos apenas com o que é imediato, com o popular, com o que o aluno traz de bagagem da sua prática social, ele entra e sai da escola do mesmo jeito, sem superar a sua inércia cultural. Por isso a escola tem que efetivar a sua função social básica e selecionar os conteúdos que devem ultrapassar a esfera imediata do cotidiano, conteúdos essenciais para uma formação que almeje a emancipação humana.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. R. M.; MAGALHÃES, L. D. R. Relações simbióticas entre Memória, Ideologia, História e Educação. In: LOMBARDI, J. C.; CASIMIRO, A. P. B. S.; MAGALHÃES, L. D. R. (Org.). **História, Memória e Educação**. Campinas, SP: Alínea, 2011. 1ªed
- CAON, P. M. **Construir corpos, tecer histórias: Educação e cultura corporal em duas comunidades paulistas**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.
- CHAUÍ, M. **Convite a Filosofia** – São Paulo – SP: Editora Ática, 2004.
- DAOLIO, D. **Da Cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2007. 4, ed.
- MARSIGLIA, A. C. G. A prática pedagógica na perspectiva da pedagogia histórico crítica. In: MARSIGLIA, A. C. G. (Org.). **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Campinas: Autores Associados, 2011, p. 101-120
- NEPOMUCENO, M. **O corpo na dança: uma reflexão a partir dos olhares da indústria cultural**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 119, jan./abr. 2010
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas-SP: Autores Associados, 2011. 11. ed.
- SIQUEIRA, D. C. O. Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.**
- SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. **Educação Física e movimentos de luta sociais**. Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, 2008. Disponível em <http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br>. Acesso em 18/07/2010.
- TRINDADE, A. L. **A escrita da dança: a notação do movimento e a preservação da memória coreográfica**. Canoas: Ed. ULBRA, 2008.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015